

mesmo e inclui a memória vital da existência histórica e a peculiaridade da realidade material.

De uma maneira ou de outra, para António Braz Teixeira, o princípio e o fim não são o mito, que institui uma indiferenciação entre o humano e o divino, mas são o mistério que institui uma relação de amor fraterno entre Deus e as suas criaturas. Se a razão mítica diz a origem do mistério como indistinção e indiferenciação imutável, a razão mistérica diz a origem do mistério como relação pessoal e comunhão amorosa. No entanto, a razão mítica em António Braz Teixeira não remete para a experiência do indiferenciado, mas sim para a intuição do Mistério na relação íntima e indizível com as suas criaturas, pelo que não se pode confundir com a conotação tradicional de mito definida por autores como Leonardo Coimbra, Eudoro de Sousa, António Quadros e Afonso Botelho. Será, com certeza, mito no sentido da narrativa mítica do génesis que nos diz pelo discurso metafórico, alegórico e analógico a realidade futura da vida eterna em Deus, de plena verdade, beleza, bondade e harmonia com todas as criaturas.

6.9. A razão mistérica e a redenção cósmica em Manuel Ferreira Patrício

Samuel Dimas

6.9.1. Introdução: para uma noção de razão histórica, hermenêutica e mistérica

Se a razão mítica tende para o tempo cíclico do eterno retorno, a razão mistérica corresponde ao tempo linear histórico do dinamismo progressivo e futurante em que se manifesta a criação de Deus. A teoria do mistério é comum ao pensamento criacionista e teísta cristão atento à história e à abertura infinita da sua hermenêutica. A preocupação com a singularidade da existência histórica, que se desenvolve e amplia na relação providencial com a presença criadora de Deus, é comum aos autores teístas que se identificam com o criacionismo e com as noções noético-emocionais ou vitais de Leonardo Coimbra, como são o caso de Eduardo Abranches de Soveral, Afonso Botelho, José Enes, Manuel Barbosa da Costa Freitas, Jorge Coutinho, Joaquim Cerqueira Gonçalves, Manuel Ferreira Patrício, António Braz Teixeira, Ângelo Alves, Manuel Cândido Pimentel e Teresa Dugos.

Esta descoberta de uma nova categoria operativa da racionalidade, deu-se por via da distinção que o autor da *Saudade, regresso à origem* faz entre a *razão do mito da origem* da revelação primordial e a *razão do mistério da origem* da revelação judaico-cristã, a qual concebe a realidade absoluta de Deus Uno e

Trino, como princípio transcendente de todas as coisas. A passagem do mito ao mistério significa a passagem da noção antiga de indiferenciação entre o divino e mundo dele emanado para as noções de transcendência de Deus e autonomia do mundo por Ele criado, pelo que, como diz Afonso Botelho «A visão judeo-cristã do mito não pode compreender este deicídio primordial, excepto se entregar a paixão de Cristo à mesma indiferença geradora, o que é contraditório do acto amoroso da Criação»¹¹⁴³.

Esta distinção realizada pelo autor da *Teoria do Amor e da Morte* aponta para a noção de Mistério divino, em que se harmonizam o amor e a liberdade manifestados de forma imanente e transcendente¹¹⁴⁴, e aponta para a noção do excesso divino na realidade criada¹¹⁴⁵. Uma distinção que viria a ser profundamente desenvolvida por António Quadros na diferença que estabelece entre o tempo cósmico cíclico e necessitarista do mito da tragédia grega e o tempo histórico linear e teleológico do mistério judaico-cristão, em que este último decorre na colaboração entre a ação humana, no exercício do seu livre arbítrio, e a ação divina da Graça¹¹⁴⁶.

A unidade do Mistério da origem não é abarcável por uma razão puramente abstrata e só uma razão poética pode enunciar a sua realidade indizível e insondável. Como diz Afonso Botelho, esta unidade divina pode ser compreendida, não pelo *juízo cisório*, que tudo procura explicar e objetivar de forma lógico-analítica, mas pelo *juízo reflexivo* radicado no próprio mistério de forma analógica e transpredicativa¹¹⁴⁷. Na mesma linha considera José Enes que a verdade do ser das coisas e da sua fonte absoluta, que se surpreende na experiência antepredicativa ou atemática, permanece oculta à razão e apenas se revela à inteligência no plano transpredicativo da expressividade metafórica¹¹⁴⁸.

Em que consiste esta razão fundada no Mistério, por distinção com a razão fundada no Mito?

6.9.2. A razão poética e a manifestação da vida em eterno renascimento

Esta mesma noção de sensibilidade poética, radcada no Mistério do Ser, está presente na obra *A Pedagogia de Leonardo Coimbra* de Manuel Ferreira Patrício. Neste trabalho, o professor propõe a noção de «Razão Poética»¹¹⁴⁹

¹¹⁴³ Afonso Botelho, *Saudade, regresso à origem*, Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1997, p. 109.

¹¹⁴⁴ Cf. Afonso Botelho, *Teoria do Amor e da morte*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1996, p. 151.

¹¹⁴⁵ Cf. *ibidem*, p. 133.

¹¹⁴⁶ Cf. António Quadros, *Poesia e Filosofia do mito Sebastianista*, Lisboa, Guimarães Editores, 2001, p. 359.

¹¹⁴⁷ Cf. Afonso Botelho, *Teoria do Amor e da morte*, p. 118.

¹¹⁴⁸ Cf. José Enes, *À Porta do Ser: Ensaio sobre a Justificação do Juízo de Percepção Externa em S. Tomás de Aquino*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, p. 46.

¹¹⁴⁹ Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, Porto, Porto Editora, 1991,

para caracterizar o labor trans-racional e criador da experiência pensante, que não se esgota na atividade lógica, mas que se amplia para se cumprir numa visão superior, que Leonardo Coimbra chama de *visão ginástica*. Para além de ser analógico-poética e estabelecer um nobre equilíbrio entre a sensibilidade e a representação¹¹⁵⁰, é uma visão simbólica trans-racional, que na sua incessante busca pelo coração do Ser, se depara com uma superior e insondável realidade que não se apreende e domina pelas categorias lógico-conceptuais, mas que se presentifica simbolicamente na ausência e obscuridade do seu prodigioso Mistério de infinita transcendência¹¹⁵¹.

À semelhança de Teixeira de Pascoaes, para Manuel Ferreira Patrício a «Razão Poética», dinâmica e aberta, teórica e prática, é uma faculdade original e autónoma de conhecimento¹¹⁵², pela qual se dá a entrada da verdade no mundo dos homens e pela qual se dá a experiência integral do ser nos planos diferenciados da matéria, da vida e da consciência¹¹⁵³. A experiência da realidade começa por dar-se de forma implícita no espanto que advém do reconhecimento da existência num contacto primigénio que diríamos estético e religioso. Mas como diz José Enes, a razão procurará explicar e tornar explícito o conteúdo da percepção intelectual que resultou dessa adesão primeira, por meio da operatividade conceptual e da discursividade linguística. No entanto, se essa predicação pretender esclarecer e distinguir essas apreensões, antes implícitas, de forma abstrata, formal e objetiva, o seu conteúdo e eficácia noética esvai-se e morre. Como defende Manuel Ferreira Patrício a partir da leitura da filosofia ideorrelista de Leonardo Coimbra, o conhecimento do real exige a mediação da imaginação poética em que se estabelece um profundo equilíbrio entre a sensibilidade e a representação, a vida e a noeticidade¹¹⁵⁴. Para o equilíbrio destas dimensões, no contexto da gnosiologia e da ontologia, Ferreira Patrício reconhece a importância do diálogo de José Enes com autores hermeneutas da filosofia estética da História e da Vida, como Heidegger, Paul Ricoeur e Ortega y Gasset, que originaria uma atenta dedicação à singularidade da existência e da experiência religiosa¹¹⁵⁵.

A verdade antepredicativa da experiência intuitiva originária pertence ao plano vital e metafísico do mistério e não ao plano da demonstração e da certeza, pelo que a explicitação racional desta verdade não pode ser feita no

p. 220.

¹¹⁵⁰ Cf. Leonardo Coimbra, «A poesia e a filosofia moderna em Portugal», in *Obas Completas*, vol. III, Lisboa, INCM, 2006, p. 217.

¹¹⁵¹ Cf. *idem*, *O Pensamento Criacionista*, Porto, Renascença Portuguesa, 1915, in *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, INCM, 2005, p. 276 [186].

¹¹⁵² Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, p. 219.

¹¹⁵³ Cf. *ibidem*, p. 220.

¹¹⁵⁴ Cf. *ibidem*, p. 222.

¹¹⁵⁵ Cf. *idem*, «José Enes, Pensamento e obra», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, no. 19 (1.º semestre de 2017), pp. 269-270.

plano predicativo do discurso claro e evidente, mas no plano transpredicativo da linguagem metafórica. Há uma verdade que não se pode exprimir com todo o seu conteúdo noético através da formulação predicativa numa articulação lógica e gramatical que pretende tudo explicar, rejeitando como espúrio tudo aquilo que não pode ser apreendido de forma clara e distinta à maneira do formalismo positivista e do apriorismo postulatório de origem cartesiana e kantiana¹¹⁵⁶.

Como explica Manuel Ferreira Patrício, a excedência da vida em relação à mecânica e a excedência da moral e do espírito em relação à vida não podem ser explicadas de forma cousista pela perspectiva parcelar do materialismo ou do idealismo. Há uma excedência divina do Todo em relação a qualquer uma das partes, que é reconhecida pelo pensamento poético e dita pelas proto-palavras que anunciam novos sentidos na relação do metafórico e do paradoxo¹¹⁵⁷. O pensamento poético não se ilude, pelo que descreve o *excesso infinito* do Universo visível como presença misteriosa e invisível de Deus: «Temos, assim, que Deus está presente como presença mas também está presente como ausência»¹¹⁵⁸. Trata-se de uma realidade paradoxal que só a liberdade da razão poética pode revelar. Na poesia e na música revela-se o movimento da palavra cósmica na alegria da sua harmonia originária que constitui a presença pura da Realidade, pelo que a arte é a forma mais perfeita e sublime da educação: «O que a arte põe na alma da criança é a própria vibração da realidade, o ritmo exacto do seu movimento, a essencial fraternidade cósmica que habita esse movimento»¹¹⁵⁹.

Desta maneira, podemos dizer que no plano da verdade transpredicativa, a função da lógica e da linguagem não é a definição nem a enunciação, mas é a função de estimular o aparecimento das situações imaginativo-intelectuais onde a emoção abre a intuição para a explicitação aperceptiva do que era conhecido sem se saber, na experiência atemática do Incondicional, do Excesso e do Absoluto¹¹⁶⁰. A função do verdadeiro pensar na demanda da verdade é seduzir a razão, pela metáfora, para fora do seu lugar próprio das superfícies claras mas opacas da lógica de dominação, em que a inteligência se ensombra e o ser se oculta. O verdadeiro pensar seduz a razão para que não se perca na vaidade e arrogância das suas obras e para que vislumbre os próprios fundamentos misteriosos e indizíveis dos seus artefactos cognitivos, na transparência do que se oferece à intuição aperceptiva e se manifesta na sua exuberância e

¹¹⁵⁶ Cf. José Enes, *À Porta do Ser: Ensaio sobre a Justificação do Juízo de Percepção Externa em S. Tomás de Aquino*, pp. 128-129.

¹¹⁵⁷ Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, pp. 223-224.

¹¹⁵⁸ Cf. *ibidem*, p. 224.

¹¹⁵⁹ *Idem*, «A pedagogia filosófica de Leonardo Coimbra à luz de *a Alegria, a Dor e a Graça*», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, no. 10 (2.º semestre de 2012), p. 44.

¹¹⁶⁰ Cf. José Enes, *À Porta do Ser: Ensaio sobre a Justificação do Juízo de Percepção Externa em S. Tomás de Aquino* *ibidem*, p. 130.

excesso¹¹⁶¹. A Dor da problematização do real e da procura de sentido para a Vida exige uma resposta que só satisfaz o anseio humano de felicidade se não redundar na forma panteísta da dissolução das individualidades, como no homogêneo de Sampaio Bruno, e compreender a vibração originária do Ser como o ritmo de uma fraternal universalidade, naquilo que Patrício chama de uma consciência profunda que aflora na juventude¹¹⁶².

Ao libertar-se da servidão racional da predicação e da representação, o pensamento apreende o ser misterioso, que se revela a quem se encanta e se espanta. Como reconhece Manuel Ferreira Patrício, o Mistério de Deus apenas pode ser alcançado pela vontade livre amorosa de uma razão mais alta que a razão teórica e prática, ainda formal e descarnada, isto é, uma dinâmica, concreta e viva «Razão Poética», em que se funde a ciência, a moral, a estética e a metafísica: «Só o pensamento pleno da ciência pode possuir o Ser; só a vontade livre amorosa e ativa pode atingir Deus»¹¹⁶³. A partir dessa exigência racional de discernimento somos convocados para a experiência do Mistério pessoal de Deus que se revela pela graça na vivência do amor, da harmonia e da liberdade: «O que o homem transporta para o quotidiano na barca da liberdade é o eterno, para a parcela o todo, para o acidente a essência»¹¹⁶⁴.

Educar consiste em trazer o homem para timoneiro desta barca que não se dirige apenas pela razão da Necessidade, mas também da Liberdade, isto é, a razão do Excesso, do Infinito, do Irracional e da Graça, que o autor resume através da noção de *Razão poética*. A poesia é a melhor forma de educar, pois contém a pedagogia da Graça, isto é, da pessoa moral, livre e criadora, que pulsa na intimidade de cada um e o eleva em movimento expansivo até ao sentimento de Deus. Mas para Manuel Ferreira Patrício, à semelhança de Leonardo Coimbra, esta ascensão não é plena sem a mediação de Cristo que vivifica o coração do Cosmos, tal como enunciado pela metafísica da imanência transcendente de Teilhard Chardin: «Cristo é o movimento partindo do centro do Universo e tudo assimilando ao seu íntimo segredo de amor»¹¹⁶⁵. Reconhecemos a importância dada pelo autor às noções cristológicas de manifestação e presença cósmica da Graça, no comum processo de reabilitação da noção de imanência. O termo da via sagrada desta ascensão é a serenidade que se manifesta no acordo profundo com o Universo, que não

¹¹⁶¹ Cf. *ibidem*, p. 46.

¹¹⁶² Cf. Manuel Ferreira Patrício, «A pedagogia filosófica de Leonardo Coimbra à luz de *a Alegria, a Dor e a Graça*», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, no. 10 (2.º semestre de 2012), p. 45.

¹¹⁶³ *Idem*, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, p. 226.

¹¹⁶⁴ *Idem*, «A pedagogia filosófica de Leonardo Coimbra à luz de *a Alegria, a Dor e a Graça*», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, no. 10 (2.º semestre de 2012), p. 45.

¹¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 46.

significa a paragem no absoluto perfeito e completo, mas significa a «vida perenemente renascente»¹¹⁶⁶.

6.9.3. A distinção entre razão enigmática e razão misteriosa na procura de dizer o Excesso

Manuel Ferreira Patrício assinala essa diferença entre o mito da origem das religiões antigas e da tradição grega e o mistério da origem da tradição judaico-cristã¹¹⁶⁷, e no seu texto para o livro de homenagem a António Braz Teixeira, apresenta também a diferença entre o enigma, que pode ser decifrado, e o mistério, que pertence ao domínio do sagrado, pelo que é insondável e inexplicável¹¹⁶⁸. Nesse sentido, considera que o modo português de pensar filosoficamente não é de ordem enigmática, mas sim de ordem misteriosa e, para tal, recorre à noção de «razão misteriosa»:

E não é o enigma o núcleo luminoso da pupila dos nossos olhos; é talvez o mistério. O que António Braz Teixeira considera ser a essencial relação, para o pensar dos portugueses, de Deus, o Mal e a Saudade não é, a meu ver, de ordem enigmática, mas misteriosa. Passamos a vida a pensar o que não é para nós pensável, o que não é por nós pensável. Por nós, humanos. Por nós, estes humanos particulares, singulares, que são os portugueses. Mas é essa actividade pensante que dá sentido à nossa existência. E é gozosa. É, nesse sentido, uma actividade feliz; verdadeiramente, gosto amargo de infelizes; fruição da razão enigmática e, para além dela, da razão misteriosa.¹¹⁶⁹

Partilha Manuel Ferreira Patrício com Leonardo Coimbra a ideia de que na caminhada da razão dinâmica criacionista do atemático ao racional e deste ao trans-racional, do antepredicativo e predicativo ao transpredicativo, surge o Mistério, não o mistério reduzido a enigma cuja sombra se desfaz à imposição da luz, mas o Mistério do infinito e da transcendência, que não apenas excede a razão, mas se excede a si mesmo:

«Compreende-se que tanto nos preocupemos em afirmar – e tanto tentemos em demonstrar – a existência (...) de uma Razão que

¹¹⁶⁶ *Loc. cit.*

¹¹⁶⁷ Cf. Samuel Dimas, *Deus, o Homem e a Simbólica do Real – Estudos sobre Metafísica Contemporânea*, Prefácio de Manuel Ferreira Patrício, Lisboa, INCM, 2009, p. 12

¹¹⁶⁸ Cf. Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», in *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Lisboa, Centro de Estudos da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2008, pp. 170-171.

¹¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 173.

quer dar conta do que infinitamente a transcende: de uma razão que quer falar do que é para ela já inefável, que quer envolver o que dela mesma é envolvente, que quer dialeticamente pôr o que para além de toda a dialéctica a põe a ela.¹¹⁷⁰

No mesmo sentido, também Manuel Cândido Pimentel denuncia o equívoco de se determinar o mistério como enigma, mas, por outro lado, recusa o sentido de cisão entre enigma e mistério, explicando que existe entre eles uma «convivência lógico-cognitiva e hermenêutica»:

A noção de mistério não pode deixar de implicar como possíveis o limite e o ilimite da sua decifração cognitiva, o que supõe sempre para a inteligência que afronta o mistério ou se deixa afrontar por ele a instância do enigma como ponto de recolhimento e de reconhecimento do que plenamente à inteligência é impossível de dar-se.¹¹⁷¹

Recusando a redução do enigma a problema e a uma instância sujeita a total decifração, o filósofo da *Razão Comovida* parece acrescentar às teorias do enigma e do mistério de Eudoro de Sousa e de Manuel Ferreira Patrício o sentido de uma ordem enigmática que emerge genesiacamente ao sujeito racional e inteligente como excesso e infinito. Justifica esta necessidade da visão enigmática pelo facto de considerar que só haverá «inteligência do mistério» na condição da contemplação *sub specie aeternitatis*, em que o objeto e o inteligível estão reunidos.

Desta maneira, partilha com Leonardo Coimbra a crítica feita por Kant a Descartes e a Espinosa, por estes defenderem a possibilidade humana de uma intuição intelectual no sentido de adequado e perfeito conhecimento do Ser, só acessível, no entender do crítico alemão, ao intelecto arquétipo do Ser supremo¹¹⁷². Considera Leonardo Coimbra que na contingência da vida existencial não há pensamento absoluto, pois razão e experiência são correlativas, pelo que a sua noção de visão ginástica, já aqui traduzida por razão poética e por razão mistérica não significará a intuição intelectual do Absoluto da contemplação *sub specie aeternitatis* de Espinosa¹¹⁷³.

A visão contemplativa do Mistério, categorizada no contexto da revelação e do lirismo metafísico, não é a visão plena de uma intuição pura divinatória ou por ressonância simpática, análoga à de Bergson¹¹⁷⁴, mas é apenas uma

¹¹⁷⁰ Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, p. 227.

¹¹⁷¹ Cf. Manuel Cândido Pimentel, «carta-prefácio», in Samuel Dimas *A Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a dialéctica criacionista da razão mistérica*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2012, p. 16.

¹¹⁷² Cf. Immanuel Kant, *KrV*, B72.

¹¹⁷³ Cf. Leonardo Coimbra, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009, p. 167 [218].

¹¹⁷⁴ Cf. *idem*, *O Criacionismo: Esboço dum Sistema Filosófico*, Porto, Renascença Portuguesa,

visão aproximativa ou assintótica, porque como sublinha Manuel Cândido Pimentel, o que é visado por esta visão intuitiva de carácter mistérico-poético não se situa fora da dimensão compreensiva da razão, exigindo a interdependência da ordem noética do ver intuitivo com a ordem dianoética da discursividade¹¹⁷⁵.

Mas importa sublinhar que a noção de *razão mistérica* aqui referida por Ferreira Patrício não se refere à visão perfeita de Deus, mas sim à atividade pensante daquilo que não pode ser pensado e delimitado conceptualmente, não só porque excede as capacidades cognitivas, mas porque a relação do pensar com o Ser e com o ser divino encerra este permanente excesso e permanente abertura à novidade da eterna criação. Ao contrário do enunciado por José Marinho, não se poderá conceber que a razão enigmática interroga e a razão mistérica mostra, revelando o que seja o mistério no sentido do absoluto e perfeito conhecimento ou intuição divina, porque o Mistério é Excesso e é como Excesso que se mostra, quer nesta condição temporal quer na condição divina da visão beatífica.

A razão mistérica também encerra o interrogar, no sentido daquilo que Vergílio Ferreira chama de questionamento, mas ao contrário da razão enigmática não espera soluções, decifrações, nem respostas definitivas, porque concebe o perene dinamismo criador e inventivo da relação do pensar com o ser que tem no Mistério de Deus a sua fonte e o seu destino, cujo porto de chegada é momento de novas e eternas partidas, já sem a tragédia e a angústia da vida mortal, mas na paz e tranquilidade escatológica da absoluta confiança e do absoluto amor, da absoluta esperança e universal convívio fraternal. Nesta condição do Paraíso celestial a saudade e a novidade, o desconhecido e o imponderável, que advêm da natureza de Excesso do Ser, e que já aqui prefiguramos pela razão mistérica que inclui a revelação e a arte, não são limitações nem insuficiências, mas são o saudável dinamismo da eterna e amorosa Relação sempre aberta a novos sentidos e inesgotáveis maravilhas.

A *inteligência do mistério* não significa o perfeito e adequado conhecimento da Totalidade no sentido de indiferenciação entre o *objeto* e o *inteligível*, para usar as palavras de Manuel Cândido Pimentel, ou a fusão entre o humano e o divino, mas significa a sua originária e plena relação. E porque a Relação não desaparece, pois é o fundamento ontológico da Vida, não desaparece a razão comovida e a razão mistérica do sujeito agente e cognoscente no convívio amoroso e criador com o Ser, isto é, com Deus em absoluta Transcendência.

1912, in *Obras Completas*, vol. I, tomo II, Lisboa, INCM, 2004, p. 281 [228]; Cf. *idem*, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, pp. 47-48 [54-56]; cf. *idem*, *A Filosofia de Henri Bergson*, II parte: Lisboa, INCM, 1994, in *Obras Completas*, vol. VI, Lisboa, INCM, 2010, p. 594 [179].

¹¹⁷⁵ Cf. Manuel Cândido Pimentel, *A Ontologia Integral de Leonardo Coimbra*, Lisboa, INCM, 2003, pp. 91-92.

A *visão ginástica*, é ainda uma visão da razão, de uma razão mistérica, que para além de lógico-conceptual também é analógico-poética, comunicando não apenas as relações racionais e intelectivas, mas também as relações experienciais, afetivas e espirituais da Origem divina e da sua Graça. Por isso, sublinha Manuel Cândido Pimentel que o ângulo metanóico da visão ginástica não se compreende sem a recíproca teorese do mistério e do enigma, em que a inteligência soçobrando no que não compreende, volta à tentativa de compreensão no contínuo trabalho de entender, interrogar e amar¹¹⁷⁶.

Na nossa condição existencial de cogitação na gramática do enigma, que implica linguagem e discurso, fadiga e diligência, apenas há o reconhecimento intelectual do mistério que se dá no esforço de decifração enquanto tentativa lógica de definir o indefinido, de ouvir o inaudível e de ver o inescrutável: «O mistério do ser pondo-se como enigma cognitivo há-de ser o do objeto e a sua decifração, mas sem nunca atingir-se esta na plenitude da posse de aquele»¹¹⁷⁷.

Esta noção de que o mistério se apresenta à atividade cognitiva como enigma também vai ao encontro da distinção feita por Manuel Ferreira Patrício entre o mistério insondável, que pertence à ordem do religioso e do sagrado e perante o qual o homem nada pode dizer, e o enigma, que pertence à ordem da decifração e adivinhação, constituindo-se como dificuldade a vencer:

O enigma não era da ordem do religioso, mas do profano. Consistia numa dificuldade colocada à inteligência, no caso vertente das crianças no doce e quente ambiente do lar. Dificuldade genuína, não falsa. A criança sabia que o enigma tinha uma solução, que ela podia procurar e encontrar. O enigma era um desafio à sua inteligência. Desafio que a sua inteligência podia vencer.¹¹⁷⁸

Claro que o mistério no sentido acima apresentado não é uma realidade que a inteligência possa compreender de forma absoluta, mas também não é algo totalmente opaco ou irracional, só admissível numa perspetiva puramente voluntarista e fideísta ou numa perspetiva puramente apofática, sem possibilidade de qualquer inteligibilidade. Nesse sentido compreendemos que só no plano enigmático do esforço interrogativo e decifrador, o ser se dá ao pensar de forma paradoxal como mistério que excede todo o pensar e toda a capacidade de decifração. A questão pode pôr-se assim, porque, quer Ferreira Patrício, quer Cândido Pimentel, partilham com Leonardo Coimbra

¹¹⁷⁶ Cf. *idem*, «carta-prefácio», in Samuel Dimas *A Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a dialéctica criacionista da razão mistérica*, p. 17

¹¹⁷⁷ *Loc. cit.*

¹¹⁷⁸ Cf. Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», in *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, p. 171.

a forma criacionista de pensar que inclui uma noção de intuição intelectual que não é análoga à noção helénica de uma razão superior intuitiva que apreendia diretamente as essências, num conhecimento perfeito (ontologismo), sem precisar de recorrer ao processo do raciocínio analítico e demonstrativo da dinâmica mediadora e simbólica da representação e sem recorrer ao discurso predicativo.

Descrevendo o inatismo como uma forma inferior de apriorismo gnosiológico e considerando que a realidade é uma criação da relação inadequada entre o pensamento e o ser e não a ideia em si (*ideia-cousa*) acessível e adequada a uma superior intuição¹¹⁷⁹, Leonardo Coimbra afirma que à alma nunca foi possível a milagrosa *visão da Ideia*¹¹⁸⁰, como se o conhecimento fosse um dom ou um mero recordar de algo estabelecido *a priori* de uma vez por todas, e não um processo relacional entre sujeito e objeto que envolve o labor da síntese judicativa¹¹⁸¹. Pela visão ginástica ou pela razão mística descobrimos o insituado e excesso da nossa condição paradoxal de origem infinita e existência finita.

Para Manuel Ferreira Patrício esta razão que diz o Excesso e fala do Invisível é a «Razão Poética», tal como refere na sua obra de 1991, e é a «razão mística», tal como refere no seu artigo de 2008, no reconhecimento de que por ela o homem pode aceder à mais alta realidade através de uma visão, não apenas material, mas também espiritual, que significa uma vivência graciosa e gratificante do Ser¹¹⁸². Invocando a obra *A Alegria, a Dor e a Graça* de Leonardo Coimbra, considera Manuel Ferreira Patrício que não é pela visão diurna do conhecimento lógico e conceptual, mas sim pela visão noturna do conhecimento espiritual analógico e metafórico, que o homem pode alcançar o Mistério infinito que sustenta toda a realidade e que não é passível de completa decifração:

O enigma é susceptível de tratamento racional. O mistério só é susceptível de tratamento irracional, ou transracional – numa instância superior de inteligência. É a *visão etérea* de Leonardo Coimbra, que eu designo pela expressão *razão poética* e o próprio por *visão ginástica*, inspirando-se numa metáfora de Chesterton.¹¹⁸³

¹¹⁷⁹ Cf. Leonardo Coimbra, *O Pensamento Criacionista*, Porto, Renascença Portuguesa, 1915, in *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, INCM, 2005, p. 185 [22].

¹¹⁸⁰ Cf. *ibidem*, p. 185 [23].

¹¹⁸¹ *Ibidem*, p. 186 [24].

¹¹⁸² Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, p. 228.

¹¹⁸³ Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», in *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, p. 173.

Na linha de Eudoro de Sousa, é aqui apresentada a distinção entre aquilo que encerra um carácter enigmático ou problemático, no plano do nomeável e representável, e cuja cifra ou codificação pode ser desfeita ou resolvida, e o substantivo mistério, que pertence ao plano do indizível e do inefável. Se o mistério for passível de decifração não é mistério, mas simples enigma¹¹⁸⁴, porque ao contrário do enigmático que deixa de ser «o não descrito» quando é encontrada a palavra adequada para o descrever ou decifrar, o mistério enquanto misterioso nunca deixará de o ser¹¹⁸⁵. Ao contrário das filosofias da dúvida metódica de Descartes e da razão pura de Kant, que visam, pela codificação ou cifração lógica do discurso, uma coerente inteligibilidade do real que exclui do apresentado tudo aquilo que resiste à representação¹¹⁸⁶, a filosofia de Manuel Ferreira Patrício, na linha do criacionismo leonardino, procura atender a essa realidade excessiva que o discurso predicativo não pode demonstrar de forma clara e evidente pela exclusão do erro ou pela exclusão do impuro.

A filosofia da razão poética e mística não cai na ilusão de reduzir o apresentado à certeza da representação e, por isso, considera os dados da experiência originária da intuição na sua procura de sentido e da verdade, reconhecendo a pluralidade do real como uma criação de Deus transcendente que se revela ao conhecimento humano como supremo Mistério. Trata-se de uma filosofia do mistério que inclui a experiência religiosa da abertura do homem à infinitude de Deus e aos segredos da sua Vida criadora no reconhecimento de que a ampliação da realidade finita e a realização do amor humano só se concretizam atingindo o amor universal de Deus¹¹⁸⁷.

É neste contexto que António Braz Teixeira – partilhando com Manuel Ferreira Patrício a metafísica leonardina que considera a intuição como uma forma genuína de cognição, penetrando o originário e a sucessão diversa dos graus do ser – também vai apresentar um conceito de razão que se nutre de uma fundamental intuição, a qual não contraria o pensamento humano, mas excede-o na sua capacidade de compreensão. Uma razão que encerra «uma fundamental intuição intelectual ou primordial visão espiritual do invisível»¹¹⁸⁸. Assim, defende o pensador de *Deus, o Mal e a Saudade*, que a autêntica origem da interrogação filosófica não se encontra no espanto e admiração perante a imensidão cósmica da pluralidade dos seres, porque isso

¹¹⁸⁴ Cf. Eudoro de Sousa, *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*, Lisboa, INCM, 2000, pp. 83-90, 235.

¹¹⁸⁵ Cf. Eudoro de Sousa, *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*, p. 236.

¹¹⁸⁶ Cf. Paula Cristina Pereira, *Do sentir ao pensar, ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*, Porto, Edições Afrontamento, 2006, p. 187.

¹¹⁸⁷ Cf. Leonardo Coimbra, *A Filosofia de Henri Bergson*, I parte: Porto, Renascença Portuguesa, 1934, in *Obras Completas*, vol. VI, Lisboa, INCM, 2010, p. 402 [19].

¹¹⁸⁸ António Braz Teixeira, *Caminhos e Figuras da Filosofia do Direito Luso-Brasileira*, 2.^a ed ampliada, Lisboa, Novo Imbondeiro, 2002, p. 19.

é ainda do âmbito meramente psicológico, mas sim «no plano ontológico mais radical do enigma ou do mistério, no qual e pelo qual todo o ser e toda a verdade, em instantânea visão, simultaneamente, se ocultam e patenteiam ao espírito do homem»¹¹⁸⁹.

Manuel Ferreira Patrício interroga se António Braz Teixeira atribui a *enigma* e *mistério* o mesmo significado e, depois de explicar a diferença entre o enigma que é linguagem cifrada e o mistério que é o absoluto incifrável e, por isso, indecifrável¹¹⁹⁰, considera que a disjunção apresentada por Braz Teixeira não é inclusiva mas sim exclusiva, pelo que o coloca na linha dos pensadores da filosofia portuguesa, cuja originalidade está no recurso a uma instância superior da inteligência e na afirmação de uma atividade de pensar o que não é por nós pensável, ou seja, o mistério¹¹⁹¹. Nesse sentido distingue a filosofia do mistério de António Braz Teixeira, que está na linha de pensadores portugueses como Leonardo Coimbra, que apontam para a instância trans-racional da inteligência, da filosofia do enigma do seu mestre José Marinho, que está na linha de pensadores, como Amorim Viana, que acentuam a vertente da racionalização:

Entre nós José Marinho aparece como o filósofo do enigma. Penso que ele sabia do que falava. Distinguia enigma de mistério. Confrontado com o enigma, o filósofo pode encontrar a resposta certa. Não poderá, nunca, responder ao mistério. Mas o enigma é, precisamente, o maior e mais subtil desafio que pode ser presente à sua inteligência.¹¹⁹²

Podemos dizer que também a razão de António Braz Teixeira é uma razão misteriosa no sentido em que, sem descorar as exigências do discurso lógico-analítico depuradoras das distorções mágicas e imanentistas do mito e sem descorar o sentido da relação de inadequação entre o pensar humano e o ser divino que impede o panteísmo de filosofias como a de Espinosa, defende um conceito de razão que inclua todas as formas que configuram a experiência humana, nomeadamente a estética, a ética e a religiosa:

Importa, antes de mais, partir de um conceito de razão que exceda os limites de um racionalismo fechado e formalista, apoiado unicamente nas ciências do mundo sensível e numa noção redutoramente

¹¹⁸⁹ Cf. António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade: Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993, p. 11.

¹¹⁹⁰ Cf. Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», in AA. VV, *Convergências e Afinidades, Homenagem a António Braz Teixeira*, p. 172.

¹¹⁹¹ Cf. *ibidem*, p. 173.

¹¹⁹² Cf. *ibidem*, p. 172.

empírica de experiência, e se abra ao essencial e irrecusável valor e significado gnóstico da sensação, da intuição, do sentimento, da imaginação e da crença.¹¹⁹³

António Braz Teixeira defende uma razão que ascenda do senso comum e reconheça as múltiplas formas da experiência humana, desde aquela em que as ciências se fundam, passando pela experiência estética proporcionada pelas formas simbólicas e pela experiência ética que vai para além da lei e da norma, até à experiência religiosa que partindo do numinoso dos mitos ascende à sublimidade do mistério sagrado e divino ou se eleva à união mística¹¹⁹⁴. Sob a iluminação da razão mística, a abertura ao divino da filosofia metafísica é proporcionada, não pela experiência religiosa mítica e estática da fabulação de espíritos e deuses, do totem e da magia, mas sim pela experiência religiosa dinâmica, que é mística sem deixar de ser analógica, em que o homem contacta a realidade espiritual do próprio movimento criador de Deus, que traduz o Universo em fraternidade amorosa e impele a ação para uma incessante caridade¹¹⁹⁵.

6.9.4. A visão em enigma da razão mística, que pela decifração da visão beatífica, ascende ao conhecimento perfeito de Deus, e a visão em mistério da razão mística, que reconhece o carácter ontológico do Excesso divino.

Para além da *razão mística*, Manuel Ferreira Patrício refere-se também à orientação espiritual do pensar português proporcionado pela *mística*, recorrendo à definição de Émile Boutroux, para descrever que esta experiência consiste num conjunto de disposições afetivas, intelectuais e morais, cujo movimento de aspiração ao absoluto se reveste de um esforço ascético de purificação e de regresso à vida interior, que se concretiza na vida perfeita de uma nova orientação em relação ao juízo e à ação¹¹⁹⁶.

Nesta acepção, a *mística* é o nome que se dá ao conjunto de práticas que conduzem a este estado de vida perfeita e ao conjunto de doutrinas que exprimem o conhecimento que advém desta experiência da totalidade pela

¹¹⁹³ Cf. António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade: Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, p. 11.

¹¹⁹⁴ Cf. *loc. cit.*

¹¹⁹⁵ A função da religião dinâmica não é conservar a ordem social, mas é proporcionar a experiência de Deus: «[...] se não é Deus que o místico experimenta no seu convívio, é pelo menos o Verbo directo do criador, como que um autógrafo em vez de longínquas e simbólicas transposições.» (Leonardo Coimbra, *A Filosofia de Henri Bergson*, I parte: Porto, Renascença Portuguesa, 1934, in *Obras Completas*, vol. VI, p. 407 [29].)

¹¹⁹⁶ Cf. Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», in AA. VV, *Convergências e Afinidades, Homenagem a António Braz Teixeira*, pp. 173-174.

união das vontades divina e humana, que não se centra na logicidade racional, mas sim na intuição, no sentimento e na imaginação. O que não quer dizer que se oponha ao pensamento racional. O Mistério de Deus tudo revela, mas por excesso de Luz. Ora, acontece que para a condição existencial humana da mediação corpórea, a pura luz ou pura transparência é invisível como as trevas (Sol da noite escura), se não houver alguma opacidade que a reflecta, como acontece através do pensamento e da linguagem.

A límpida visão da noite escura ou a captação da essência divina não é possível ao olhar humano, porque como descreve São Tomás de Aquino, apesar da possibilidade do influxo da luz da graça divina, o entendimento ainda está condicionado pelas imagens sensíveis da realidade corpórea¹¹⁹⁷. A translucidez pela qual o místico entrevê a ordem do Ser, através da experiência contemplativa da unidade entre o entendimento e a vontade situa-se na mediadora realidade da existência, entre os limites da opacidade total e da transparência total¹¹⁹⁸. Caracterizando o significado profundo da atitude mística como uma libertadora passividade interior de escuta, Manuel Ferreira Patrício cita a definição de Maurice Blondel, para destacar que se trata de uma posição que se fundamenta na convicção de que as imagens e os conceitos não nos dão a verdadeira realidade, não restando melhor alternativa de que o silêncio, no sentido de que «calar o que se vê é infinitamente melhor do que falar do que não se vê»¹¹⁹⁹.

Neste sentido ascético de reconhecimento do valor da atitude contemplativa, e não no sentido criticado das configurações míticas e panteístas das representações coletivas, poderemos encontrar um certo fundamento místico na filosofia de Leonardo Coimbra, na medida em que, por um lado, culmina numa visão trans-racional da espiritualidade do real e, por outro lado, reconhece mesmo através dessa visão uma radical inadequação com o Ser, não sendo possível um conhecimento absoluto de Deus e do seu plano redentor: o Ser é Mistério.

Mas nunca Leonardo Coimbra defenderá que o conhecimento contemplativo pode substituir o conhecimento racional, no sentido de os considerar alternativos: o Mistério não é opaco e absolutamente inacessível ao conhecer, ao ponto de nada se poder dizer. Não são conhecimentos que se opõem, mas que se complementam, até porque toda a forma de conhecer não pode deixar de ser racional. A linguagem religiosa e simbólica que traduz a experiência totalizante e vital do encontro com o Mistério de Deus encerra uma razoabilidade que é irredutível à lógica empírico-analítica, mas que não pode

¹¹⁹⁷ Cf. São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, parte I, q. 89, a.1.

¹¹⁹⁸ Cf. Sérgio L. C. Fernandes, «Mística e Experiência Religiosa: um ponto de vista filosófico», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo 64, fasc. 1 (janeiro – março de 2008), p. 571.

¹¹⁹⁹ Manuel Ferreira Patrício, «Reflexão sobre o modo português de pensar filosoficamente em diálogo subtil com António Braz Teixeira e em sua homenagem», p. 175.

deixar de se inserir dentro da razão discursiva e crítica, sob pena de cair no ininteligível e no irracional mítico-mágico¹²⁰⁰.

A noção de visão ginástica é recolhida por Leonardo da tradição filosófica franciscana, mas vai adquirir um alcance inesperado, que se deve ao seu método criacionista e à noção de Excesso. Por isso, no nosso entender, a expressão mais adequada para a exprimir é a de razão mistérica, entendida no sentido de uma visão que é fundada na eternidade do Mistério do Ser, que não é irracional e inacessível. A irracionalidade atribuída por Leonardo à divindade está relacionada com a noção de Excesso e não com a noção de incognoscibilidade, pelo que não se contrapõe à razão: para o criacionismo toda a atividade humana é racional, embora não seja de uma razão pura.

O termo *visão* surge em Boaventura para distinguir a experiência de Deus através da mediação especulativa do conhecimento discursivo *pelas criaturas*, da experiência de Deus através da mediação perfeita do conhecimento sobrenatural, *nas criaturas*, enquanto teofanias ou *símbolos* manifestativos da Divindade. Neste segundo sentido, pela *fé*, *contemplação*, *aparicação* e *visão*, o homem tem um conhecimento sobrenatural pela iluminação da Graça divina¹²⁰¹. Mas este conhecimento superior da *visão* acerca da irrecusável experiência de Deus, mais perfeito que o da *razão* e o da *fé*, não é uma visão direta ou puramente *intuitiva* (ontologismo), mas uma visão mediata ou *contuitiva*¹²⁰². Adotando a expressão de *visão ginástica* de Gilbert Keith Chesterton, Leonardo Coimbra vai inserir no seu discurso analógico metafísico esta capacidade de ver na Origem, que permite afirmar que os seres não subsistem por si, mas vivem dependentes da esmola de ser dada pelo infinito amor de Deus¹²⁰³.

Importa, pois, não confundir o sentido desta *visão*, que encerra a mediação, com uma visão imediata ou direta da absoluta intuição de Deus, normalmente associada aos rituais mágicos e míticos da *mística* pré-lógica e associada à experiência mística da *contemplação infusa* de Deus. A visão ginástica é mistérica, porque se fundamenta na inteligibilidade do Mistério enquanto tal: uma visão na origem em que se realiza a experiência contemplativa de Deus, não através de uma intuição intelectual pura, que conceba a representação como deformadora do real, mas através de uma visão velada, obscura, imperfeita que não pode deixar de ser analógica. Mesmo na contemplação *infusa*, que ao contrário da *adquirida*, significa uma experiência amorosa de Deus que resulta da graça transcendente do Espírito e não do esforço das faculdades humanas, a experiência mística de Deus não pode deixar de ser

¹²⁰⁰ Cf. José María Mardones, *La vida del símbolo – La dimensión simbólica de la religión*, Santander, Editorial Sal Terrae, 2003, p. 124.

¹²⁰¹ Cf. São Boaventura, *Sermones*, Dominica IV Adventus VIII; IX, 83 a.

¹²⁰² Cf. *ibidem*, *Quaestiones disputatae de scientia Christi*, V, 23b.

¹²⁰³ Cf. Leonardo Coimbra, *S. Francisco de Assis: Visão Franciscana da Vida*, Porto, Maranus, 1927, in *Obras Completas*, vol. VI, Lisboa, INCM, 2010, p. 207-208 [36-38].

analógica, ficando a visão absolutamente perfeita para a condição da visão beatífica plena.

No âmbito da reflexão de São Boaventura, bem como da escola mística escolástica, esta *visão* em Deus, no radiar da Graça do Espírito fica ainda aquém da futura *visão* em Deus na Glória da eternidade, porque não é uma visão face a face, mas sim em espelho ou enigma¹²⁰⁴. Significando isto, que a incognoscibilidade e opacidade que ela encerra é provisória, até que o enigma se decifre e a visão beatífica permita o perfeito conhecimento da essência divina. Por isso, uma visão que varia de acordo com o estado humano de inocência, pecado ou miséria e de desenvolvimento sócio-cultural, no reconhecimento de que só na Glória do Amor eterno é possível ver Deus de forma imediata na sua substância e Caridade infinitas. Mas a visão ginástica, tal como Leonardo Coimbra a apresenta no âmbito da sua ontologia do mistério do Ser, encerra um significado ainda mais radical: não é provisória. Deus é eternamente criador num dinamismo de eterno excesso, pelo que mesmo na visão beatífica continuará a ser Mistério, porque sempre Outro. Nós nunca seremos Deus. Como Descreve Leonardo, Deus é caminho no eterno dinamismo inventivo da atividade criadora.

No âmbito desta concepção criacionista do Real, quer a experiência atemática da intuição da harmonia cósmica que nos eleva para a beleza insondável do infinito, numa experiência da transcendência e do sem-nome, que antecede a afirmação conceptual sobre Deus; quer a experiência sobrenatural da Graça, que pela luz da fé e do Espírito revelado nos conduz à noção suprema de Deus pessoal, concebem a incompreensibilidade e obscuridade de Deus, não como uma realidade provisória ou enigmática, mas como o seu Mistério essencial. A ontologia do Mistério de Leonardo Coimbra descreve o conhecimento supremo de Deus como o saber do não-saber, que mesmo na experiência mística infusa só se experiencia de forma analógica.

E quanto à experiência da visão beatífica, é-nos apresentada numa fraterna relação social de amor que não irá desfazer a essencialidade misteriosa de cada pessoa no que tem de único e originário. Deus é experimentado na forma de Mistério supremo enquanto tal, na realidade Outra da sua transcendência. O homem, enquanto ser espiritual fundado pelo Mistério e elevado pela Graça, está ontologicamente orientado para a relação imediata com Deus da visão beatífica, na qual já não existem as mediações objectivo-categoriais da existência. Isso não significa a remoção do Mistério de Deus, mas, tão só, a possibilidade radical da sua assintótica proximidade absoluta. Ao vidente é dada a incompreensibilidade de Deus como conteúdo da sua visão e beatitude do seu amor. A relação inadequada do pensar com o Ser adquire no domínio da realidade espiritual este sentido humilde e dependente da Razão

¹²⁰⁴ Cf. S. Paulo, 1.ª Cor, 13, 12; Cf. São Boaventura, *Commentarius in II librum Sentiarum*, d. 23, a. 2, q. 3; II, 544b-545a.

mistérica, por contraposição com o sentido arrogante e crítico da dialética lógico-conceptual da Razão formal abstrata. Se para a Razão formal abstrata da crítica kantiana e para a razão empírica do naturalismo científico, o mistério era concebido de forma negativa, como um enunciado obscuro e oculto, apenas acessível à fé e não à inteligência penetrante e esclarecedora, para a Razão mistérica de Leonardo Coimbra o mistério é caracterizado pela noção de infinito Excesso. A razão criacionista é concebida como uma potência em que se presentifica o Mistério originário e permanente, enquanto tal, não como ausência, mas como distinta e incomensurável Presença.

É um olhar humilde e afetivo, prévio à altivez da lógica racional e purgado da vontade de domínio deste conhecimento abstrato, um olhar inocente e convertido que sente a ausente Presença da Graça divina na saudade da comunhão Original. Por isso, na realidade temporal e finita da existência terrena o conhecimento humano, em qualquer das suas formas de mediação, não pode deixar de ser simbólico, não se podendo contrapor a atividade especulativa do raciocínio discursivo à atividade contemplativa da visão poética. O *lirismo metafísico* que se apresenta como a linguagem mais adequada para dizer a experiência do Mistério, é o horizonte em que a razão se une à emoção, através do discurso mistérico-poético e em que a razão se une à fé e a filosofia à religião, através do discurso filosófico-teológico.

Toda a experiência humana é racional e toda a razão humana é *experimental*, mas nem toda a razão experimental é mistérica. Até mesmo a *Revelação*, que Leonardo coloca como dado paralelo ao *lirismo metafísico*, para traduzir a espessura mistérica do hipervolume espiritual, não pode ser uma realidade irracional. Constitui-se numa experiência relacional pela Graça do Espírito na realidade mediadora da integralidade da realidade sensível, emocional, intelectual, intuitiva, racional e responsável, substituindo a exuberância do raciocínio demonstrativo pela contenção do silêncio na poética reclamação pelo eterno e pela imortalidade¹²⁰⁵.

No nosso entender, este momento último do voo em lirismo metafísico representa o salto do *volume espiritual*, enunciado pela dianoética atividade discursiva dialética da *Razão experimental*, para a dimensão do *hipervolume espiritual* transcendente da realidade divina, proporcionado pela noética compreensão ou instantânea *visão ginástica* ou *visão mistérica* que é a *visão panorâmica do todo*¹²⁰⁶. Esta visão é ainda intuitivo-racional, mas convertida à visão na origem do Mistério fundante de si mesma, porque, na perspectiva do criacionismo leonardino, a visão deste último voo, para não cair na

¹²⁰⁵ Cf. Leonardo Coimbra, *A Luta pela Imortalidade*, Porto, Renascença Portuguesa, 1918, in *Obras Completas*, vol. III, Lisboa, INCM, 2006, p. 316 [128].

¹²⁰⁶ Leonardo Coimbra, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, p. 291 [383].

errância dos preconceitos pré-lógicos míticos, supersticiosos e absurdos, tem de ser um prolongamento da marcha dialética¹²⁰⁷.

É neste sentido que identificamos a visão ginástica do lirismo metafísico com a Razão mistérica, sublinhando o carácter da sua razoabilidade, inteligibilidade e experiência, e não a identificamos com a Razão mística dos mitos e com a experiência mística dos iluminados que supõem uma união perfeita com o divino e um conhecimento integral da ordem eterna da Criação, que nem a Glória Celestial tornará absoluto. A visão ginástica significa o culminar de um caminho de ascensão, sem o qual o divino seria remetido para o plano do arbitrário, do absurdo e do irracional onde todas as expressões de magia, superstição e delírio, seriam válidas.

A visão mistérica não é a visão mística do conhecimento perfeito do Ser supremo de Deus, dado de forma extrínseca e direta por uma iluminação ou revelação divina, porque a própria revelação pertence à experiência ontológica da relação de convívio meditativo do pensar com o Ser. A *Razão mistérica* não se reduz à *Razão experimental*, porque a excede na visão do domínio espiritual infinito, que não se limita à liberdade da ação moral e à criação de valores ideias, mas aponta para a escatológica realidade pessoal de um Deus pessoal que fez a Criação para nos resgatar da Dor e da Morte para a imortalidade integral em corpo e alma e para a espiritualização universal dos mundos materiais. A *Razão mistérica* é mais vasta, supera os monismos panteístas da Razão mística pré-lógica e da *Razão formal abstracta*, em nome de uma ontologia pluralista que reconhece a relação hierárquica do Ser com os seres, e encerra a ascensão da dialética experimental, não apenas para o *volume espiritual* da positividade metafísica (na explicação do contacto espiritual da consciência com a matéria, a vida e a memória), mas também para o *hipervolume espiritual* da experiência religiosa acerca da realidade transcendente de Deus (na explicação da relação da consciência com Deus-consciência e da noção de perfeito acordo e harmonia entre o espírito, a matéria e a vida pela noção de redenção integral)¹²⁰⁸.

Assim como a **Razão experimental** faz a síntese unificadora da razão e da experiência, do idêntico e do diverso, do permanente e do transitório, do adquirido e pensado e do novo a pensar, ascendendo das noções de realidade inerte às noções da realidade espiritual; a **Razão mistérica** faz a síntese unificadora da **Razão experimental**, no sentido atrás descrito da mediação especulativa do conhecimento dialético-discursivo, com a **visão ginástica da Origem e da Revelação**, no sentido da mediação analógica do conhecimento sobrenatural pela luz da Graça e pela linguagem poética. A razão mistérica estabelece a síntese de todas as experiências racionais, porque radica no Mistério do Ser que é Experiência de que participam as experiências

¹²⁰⁷ Cf. *ibidem*, p. 291 [384].

¹²⁰⁸ Cf. *ibidem*, p. 291 [383-384].

parcelares dos diferentes níveis hierárquicos do real. Enquanto faculdade radicada no Mistério integral do Ser, preside à experiência-síntese metafísico-religiosa, porque inclui todas as características da eterna dinâmica criadora da Experiência original e originária: porque é misteriosa, é lógica e analógica, conceptual e experimental, criadora e progressiva, indutiva e dedutiva, intuitiva e afetiva, crente e moral, contemplativa e poética. A sensibilidade e o sentimento, desenhados no discurso poético da razão misteriosa, traduzem situações vitais e experiências espirituais da existência humana, que o raciocínio abstrato não alcança.

Pelo seu distender à visão ginástica de um saber de Luz da essencialidade do homem e do mundo, que não é a entrada da inteligência no enigma, mas sim no mistério, a Razão misteriosa faz a união do raciocínio especulativo com a emoção poética, a contemplação espiritual e a ação moral (unificação superior da razão teórica, da razão estética e da razão prática)¹²⁰⁹. Uma visão que se apresenta como o ângulo unificador que articula e funda o pensar, o agir, o sentir e que forma esse Universo, que não é apenas o Universo hipotético ou conjectural do fundamento, mas que é também o Universo do firmamento (teleologia) que prefigura na temporalidade a bela e perfeita harmonia da eternidade. Neste sentido a Razão misteriosa não se reduz à instância superior trans-racional de pensar o impensável por uma *visão etérea* que é assintótica apreensão do Mistério, mas significa também a visão adâmica e edénica do saudoso regresso à Luz calorosa da Origem divina.

Esta visão da Presença pela luz da Graça, podendo recolher-se no silêncio do estado *apofático*, é ainda uma visão do pensamento que se oferece pela dinâmica mediadora da realidade simbólica. Neste sentido, e contra a posição de Bertrand Russell que contrapõe radicalmente lógica (verdade) e mística (incompreensível), poderíamos ser levados a identificar a noção de conhecimento misterioso da visão ginástica leonardina com a noção de conhecimento místico de José Marinho, mas é de todo impossível, porque Marinho funda a visão mística no mito¹²¹⁰, considerando a pluralidade do real como uma necessária degradação da cisão na Unidade da Origem, ao passo que Leonardo funda a visão misteriosa no Mistério pessoal de Deus, considerando as criaturas como livre expressão de superabundância do Amor divino, constituindo-se o regresso à Origem, não como uma diluição dos seres no Ser Absoluto, mas como uma fraterna relação na vida social da vida eterna.

6.9.5. Conclusão: a redenção cósmica da vida relacional em Deus como resposta para a interrogação sobre o sentido da existência e da morte

¹²⁰⁹ Cf. Álvaro Ribeiro, *A Arte de Filosofar: Ensaios*, Lisboa, Portugalia Editora, 1955, p. 13.

¹²¹⁰ Cf. José Marinho, «Mitologia e Filomítia em Oliveira Martins», in *Obras de José Marinho*, volume VII, INCM, 2006, p. 339.

A presidir à criacionista experiência metafísico-religiosa da divindade está o ideo-realismo da *Razão misterica*, que inclui as exigências lógicas da *Razão experimental*, concebendo o Universo como uma social relação das consciências com Deus-consciência, e não o idealismo da *Razão formal abstracta*, cujas exigências lógicas de conciliar a identidade do Ser com a diversidade dos seres se situam à margem de uma ontologia pluralista e personalista, reduzindo o divino a uma ideia abstrata e o Absoluto a uma mera redução da diversidade na Unidade. De acordo com a ontologia do espírito criacionista, a consumação do Universo realiza-se na Experiência divina da Relação universal de todas as criaturas com o Criador, elevando todos os seres à eterna plenitude.

Nesta perspectiva efetiva-se um real afastamento do pensamento gnóstico, pois o Mundo futuro a que alude o pensamento escatológico criacionista não significa uma libertação do Mundo atual, mas sim um mundo que não deixa de ser mundo, mas com uma superior dignidade ontológica, pelo que Manuel Ferreira Patrício substitui a noção de «além-mundo» pela noção de «supra-mundo», o mundo divino em que se fala a língua do espírito e se vive na plena harmonia do amor¹²¹¹. Nesse movimento anti-gnóstico, comum aos discípulos de Leonardo Coimbra da via teísta e hermenêutica, encontramos também a recusa da cisão de Sampaio Bruno e da noção pessimista homem decaído de Teixeira de Pascoaes, que conserva em si uma centelha divina¹²¹².

Mais radical que o problema da existência de Deus e da imortalidade do homem, apresenta-se a questão sobre o sentido dessa existência e imortalidade. Para que serve o Mundo em que vivemos e qual o sentido da morte? Qual o significado da expressão «vida eterna»? Poderemos pensar na coexistência entre o tempo eterno da alegria, representado pela imagem do Céu, e o tempo eterno da dor, representado pela imagem do Inferno? A estas questões, o autor responde, em diálogo com Leonardo Coimbra, Leibniz e Viktor Frankl e pela mediação de uma filosofia da vida ou da existência, que a sede de sentido é uma realidade espiritual e que o fim último da existência humana é transcendente à consciência, ou seja, é uma realidade ontológica e não uma criação cultural¹²¹³.

Através de uma ascensão dialética da consciência pensante da matéria à vida e da vida ao espírito na sua comunidade relacional de seres individuais, conduz Manuel Ferreira Patrício na companhia de Leonardo Coimbra ao

¹²¹¹ Cf. Manuel Ferreira Patrício, «O Padre António Vieira, A lusofonia e o futuro do Mundo», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, n.º 2 (2.º semestre de 2008), p. 97.

¹²¹² Cf. *ibidem*, «A saudade e a pátria no livro e memórias de Teixeira de Pascoaes», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, n.º 4 (2.º semestre de 2009), p.59.

¹²¹³ Cf. *ibidem*, «O sentido da existência e do existente na filosofia criacionista de Leonardo Coimbra: aproximando Leonardo Coimbra e Viktor Frankl», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, n.º 11 (1.º semestre de 2013), pp. 94-95.

nível máximo da realidade que é o oceano do infinito amor¹²¹⁴. Nada do que existe fica de fora do sentido que tudo abrange pela super-existência de Deus, o qual, pela sua graça, atrai o homem a consentir a ordem e a harmonia universais (bem)¹²¹⁵.

O fim último ou a razão última da existência humana está para além dos limites do princípio da razão suficiente, não consistindo na aniquilação ou extinção, mas sim no Amor que é o próprio Deus. Manuel Ferreira Patrício e António Braz Teixeira partilham com o filósofo criacionista a ideia de que Deus é simultaneamente transcendente e imanente ao Mundo e nisso reside o sentido deste. Deus é imanente à Criação sem nela se esgotar a sua manifestação, residindo nesse Excesso o paradoxo de uma presença que não se confunde com o panteísmo. Por isso, a perfeição da vida divina não tem o sentido estático e abstrato do *Absolutus*, mas sim o sentido dinâmico e progressivo de uma infinita relação que se fundamenta no infinito amor amante do próprio Deus¹²¹⁶.

Deus não vem a ser, como termo de um evolucionismo panteísta, à maneira de Guerra Junqueiro, mas Deus é e nesse Ato puro, e ao contrário do defendido pelas visões maniqueístas, dá a todas as criaturas o acréscimo de que necessitam para que a harmonia vença a desarmonia de forma última e definitiva¹²¹⁷. Deus é a permanente invenção de Amor e a relação com Ele traduz-se por um permanente aumento de presença manifestativa. O sentido da história reside na relação estabelecida pela eternidade com o tempo, ou seja, reside em Cristo que lhe garante uma permanente revitalização e a conduz para a plenificação em eterna abertura. A Parusia criacionista não significa o fechamento ou destruição da História num messiânico Fim eminente, mas significa a sua eternização na plenitude harmoniosa do criador e fecundante Amor¹²¹⁸.

É neste conhecimento proporcionado pela razão mística, que se entende que Manuel Ferreira Patrício recuse as visões maniqueístas da coexistência eterna entre o paraíso e o inferno e saliente a noção de «redenção cósmica», considerando que a existência do mal é superada pelo infinito horizonte do Bem¹²¹⁹. Todas as criaturas aspiram para Deus e nisso reside a sua essência, porque a vontade do amor divino é omnipresente, pelo que o Mundo vive no incêndio redentor do Amor: «O Cosmos caminha solidariamente para a sua combustão integral no fogo redentor do amor universal»¹²²⁰.

¹²¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 95.

¹²¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 96.

¹²¹⁶ Cf. António Braz Teixeira, «O diálogo crítico de Leonardo Coimbra com Bruno, Junqueiro e Pascoaes», in *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, n.º 11 (1.º semestre de 2013), p. 85.

¹²¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 87.

¹²¹⁸ Cf. *ibidem*, p. 91.

¹²¹⁹ Cf. Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, p. 305.

¹²²⁰ *Ibidem*, p. 317.